



Qualidade Cassiano Ricardo

INFORMATIVO



Abril 2013

Ano XI – número 3



Proseando

Como todos sabem, adoro prosear. Das prosas com os alunos, amigos, colegas de trabalho e familiares nascem meus textos. Com pontos, vírgulas e palavras compartilho: sonhos. Alegrias. Compartilho fatos do cotidiano. Enfim, das prosas faço prosas

Pois bem: hoje, proseio com as mães cujos filhos acabaram de ingressar na faculdade. Tenho conversado com algumas delas e percebo que, passada a euforia desse momento brilhante e a correria para alojar os filhos em outra cidade, vem a realidade: a ausência do(a) filho(a). Percebo que seus corações dividem-se entre alegrias e tristezas. Alegria por vê-los chegarem ao destino tão sonhado. Tristeza porque, depois de uma vida compartilhada, deixam um vazio. Um imenso vazio! Quarto arrumado. Casa silenciosa. Vazia. Geladeira cheia... Os filhos seguiram sua estrada.

Nesse momento, a saudade transborda e os olhos se enchem de lágrimas. Sei, queridas mães, que não é fácil. Não sei bem o que lhes dizer. Emociono-me, certamente, por ter vivenciado tão bem momentos como esses. Acredito que, de tudo que aprendemos com nossos filhos, a mais difícil aprendizagem é esta: largar de suas mãos para permitir-lhes caminharem sozinhos. Tenham certeza de que seus filhos caminharão seguros, firmes; para isso eles foram educados. Vocês ensinaram-lhes os primeiros passos e essa aprendizagem eles levarão na bagagem. “Ninguém caminha sem aprender a caminhar” (Paulo Freire).

A vida é assim: uma sequência de despedidas: Pré-Escola. Ensino Fundamental. Ensino Médio. E nós vamos acompanhando-os em cada despedida; celebrando-as com alegria. Porque quem parte alegre, alegre chega a outro destino. Lógico que a ausência dói, mas é uma dor gostosa em ver nossos filhos, sozinhos, escreverem seus próprios enredos. Dizem que o mundo hoje está cada dia menor. Assim, não é tão difícil continuar a dar-lhes colo. Mate a saudade. Diminua a distância com um telefonema. Uma mensagem. Uma visita de vez em quando. Não cabe a mim lhes indicar o caminho para superar a Síndrome do Ninho Vazio (nome que atribuem a essa fase). Saibam que há vários caminhos para ajudá-las a superarem essa emoção. Eu recorri à escrita.

Comecei a tricotar ideias e passá-las para o papel. Sim, escrita manuscrita. Com a canetinha na mão e um caderninho. É muito diferente de digitar. Acreditem. Há muito mais emoção nas trocas de parágrafos feitos à mão do que simplesmente apertar a tecla enter. Escrever em silêncio juntando uma letra na outra...juntando sentimentos. Foi assim que aprendi a me esconder da saudade. Esconder-me da tristeza. E assim fui construindo minhas pontes...relembrando aquelas cumplicidades tão sinceras. Desinteressadas. Tão belas! Escrever sobre os próprios sentimentos ajuda. Mesmo que seja para ficar guardadinho no fundo de uma gaveta. Faço isso até hoje: na dor. Na saudade; pego meu caderninho e deixo-as escorrerem pelas linhas.

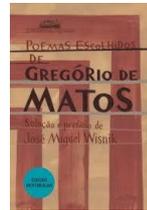
É o correr da vida, diria meu pai. Lembremo-nos do que ensina o Salmo 127.4 “Como flecha na mão do guerreiro, assim são os filhos” Sei que não é fácil, mas o desejo de todos os pais é que a flecha vá muito, muito mais longe do que foi o arqueiro.

Queridas Mães, a vida segue, mas o que foi belo fica com toda a força. Verão que, em um futuro não muito longe – o tempo passa muito rápido – terão orgulho enorme de olhar para seu filho(a) e constatar o adulto, o profissional exemplar em que se tornou. Que alegria ter criado um filho e vivenciado momentos como esse! Agora, é hora de seus filhos brilharem. Hora da descoberta. Pois é: escrevemos nossa história. Permitamos que nossos filhos escrevam a deles.

Profª. Sueli Palma



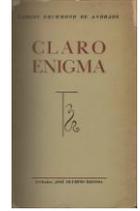
Novidades do mês



Poemas Escolhidos
Gregório de Matos



Clarissa
Erico Veríssimo



Claro Enigma
Carlos D. de Andrade



Citações

Amar é ter um pássaro pousado no dedo. Quem tem um pássaro pousado no dedo sabe que, a qualquer momento, ele pode voar (Rubem Alves).

Para estar junto, não é preciso estar perto, mas sim do lado de dentro (Leonardo da Vinci).

Dê a seu filho raízes, mais tarde, asas (provérbio judaico).

O lugar mais seguro em que o navio pode estar é o porto, mas ele não foi feito para permanecer ali (Içamy Tiba).



Sugestão Literária

Flávio Tursi, tutor da Turma Medicina Smart, indica a leitura do livro “Olhai os lírios do Campo”, de Érico Veríssimo. Um romance cheio de lirismo da sociedade brasileira, que passa pela segunda fase do Modernismo. Constituído em 12 capítulos vai entrelaçando o passado e o presente. O pano de fundo é a cidade de Porto Alegre. Aqui, Veríssimo consegue prender a atenção do leitor com os “cortes” e traz novos dados sobre a vida dos personagens. Um romance que também vai prender a sua atenção.

Aos novos universitários, uma despedida cheia de desejo de reencontro. Que o sucesso os acompanhe em suas vidas acadêmica e pessoal.

(Sueli Palma)



Texto do mês

Quando os filhos voam – Rubem Alves

Sei que é inevitável e bom que os filhos deixem de ser crianças e abandonem a proteção do ninho. Eu mesmo sempre os empurrei para fora. Sei que é inevitável que eles voem em todas as direções como andorinhas adoidadas. Sei que é inevitável que eles construam seus próprios ninhos e eu fique como o ninho abandonado no alto da palmeira...

Mas, o que eu queria, mesmo, era poder fazê-los de novo dormirem no meu colo...

Existem muitos jeitos de voar. Até mesmo o voo dos filhos ocorre por etapas. O desmame, os primeiros passos, o primeiro dia na escola, a primeira dormida fora de casa, a primeira viagem...

Desde o nascimento de nossos filhos temos a oportunidade de aprender sobre esse estranho movimento de ir e vir, segurar e soltar, acolher e libertar. Nem sempre percebemos que esses momentos tão singelos são pequenos ensinamentos sobre o exercício da liberdade.

Mas chega um momento em que a realidade bate à porta e escancara novas verdades difíceis de encarar. É o grito da independência, a força da vida em movimento, o poder do tempo que tudo transforma.

É quando nos damos conta de que nossos filhos cresceram e apesar de insistirmos em ocupar o lugar de destaque, eles sentem urgência de conquistar o mundo longe de nós.

É chegado então o tempo de recolher nossas asas. Aprender a abraçar à distância, comemorar vitórias das quais não participamos diretamente, apoiar decisões que caminham para longe. Isso é amor.

Muitas vezes, confundimos amor com dependência. Sentimos erroneamente que se nossos filhos voarem livres não nos amarão mais. Criamos situações desnecessárias para mostrar o quanto somos imprescindíveis. Fazemos questão de apontar alguma situação que demande um conselho ou uma orientação nossa porque, no fundo, o que precisamos é sentir que ainda somos amados.

Muitas vezes confundimos amor com segurança. Por excesso de zelo ou proteção cortamos as asas de nossos filhos. Impedimos que eles busquem respostas próprias e vivam seus sonhos em vez dos nossos. Temos tanta certeza de que sabemos mais do que eles, que o porto seguro vira uma âncora que os impede de navegarem nas ondas de seu próprio destino.

Muitas vezes confundimos amor com apego. Ansiamos por congelar o tempo que tudo transforma. Ficamos grudados no medo de perder, evitando assim o fluxo natural da vida. Respiramos menos, pois não cabem em nosso corpo os ventos da mudança.

Aprendo que o amor nada tem a ver com apego, segurança ou dependência, embora tantas vezes eu me confunda. Não adianta querer que seja diferente: o amor é alado.

Aprendo que a vida é feita de constantes mortes cotidianas, lambuzadas de sabor doce e amargo. Cada fim venta um começo. Cada ponto final abre espaço para uma nova frase.

Aprendo que tudo passa, menos o movimento. É nele que podemos pousar nosso descanso e nossa fé, porque ele é eterno.

Aprendo que existe uma criança em mim que ao ver meus filhos crescendo, se assusta por não saber o que fazer. Mas é muito melhor ser livre do que imprescindível.

Aprendo que é preciso ter coragem para voar e deixar voar. E não há estrada mais bela do que essa.

Colégio Anglo Cassiano Ricardo de Ensino Médio e Pré-Vestibular / Mantenedores:
Anísio Spano e Saulo Daolio. Diretora: Mônica Yumi Kukita Gonçalves.
Prof. Responsável: Sueli Brás Monteiro Palma. Revisão: Sílvia Mamede.
Editoração: Edilson Carlos Domingos. Reprografia: Paulo Rogério de Faria
Sugestões: sueli@cassianoricardo.com.br Tel. 2134-9100.
Internet: www.anglosaojose.com.br



Dicas gramaticais

Regência Verbal

Regência verbal é a parte da Gramática Normativa que estuda a relação entre dois termos, verificando se um termo serve de complemento a outro. A palavra ou a oração que governa ou rege as outras chama-se regente ou subordinante; os termos ou oração que dela dependem são os regidos ou subordinados.

CHEGAR/ IR – são introduzidos pela preposição **a** e não pela preposição **em**. Ex.: Vou **ao** dentista./ Cheguei **a** Belo Horizonte.

Morar/ Residir – normalmente vêm introduzidos pela preposição **em**. Ex.: Ele mora **em** São Paulo./ Maria reside **em** Santa Catarina.

Namorar – não se usa com preposição. Ex.: Joana namora Antonio.

Obedecer/ desobedecer – exigem a preposição **a**. Ex.: As crianças obedecem **aos** pais./ O aluno desobedeceu **ao** professor.

Simpatizar/ antipatizar – exigem a preposição **com**. Ex.: Simpatizo **com** Lúcio./ Antipatizo **com** meu professor de Matemática.

OBS. Esses verbos não são pronominais; portanto, são consideradas construções erradas quando aparecem acompanhados de pronome oblíquo. Ex.: Simpatizo-me com Lúcio.

Preferir – este verbo exige dois complementos sendo que um se usa sem preposição e o outro com a preposição **a**. Ex.: Prefiro dançar **a** fazer ginástica.

OBS.: Segundo a linguagem formal, é errado usar este verbo reforçado pelas expressões ou palavras: antes, mais, muito mais, mil vezes mais etc. Ex.: Prefiro mil vezes mais dançar **a** fazer ginástica.

Verbos que apresentam mais de uma regência

Aspirar

- no sentido de cheirar, sorver: usa-se **sem** preposição **a**. Ex.: Aspirou o ar puro da manhã.

- no sentido de almejar, pretender: exige a preposição **a**. Ex.: Esta era a vida **a** que aspirava.

Assistir

- no sentido de prestar assistência, ajudar, socorrer: usa-se **sem** preposição. Ex.: O técnico assistia **os** jogadores novatos.

- no sentido de ver, presenciar: exige a preposição **a**. Ex.: Não assistimos **ao** show.

- no sentido de caber, pertencer: exige a preposição **a**. Ex.: Assiste **ao** homem tal direito.

- no sentido de morar, residir: é intransitivo e exige a preposição **em**. Ex.: Assistiu **em** Maceió por muito tempo.

Esquecer/ lembrar

- quando não forem pronominais: são usados sem preposição. Ex.: Esqueci o nome dela.

- quando forem pronominais: são regidos pela preposição **de**. Ex.: Lembrei-me do nome de todos.

Visar

- no sentido de mirar: usa-se sem preposição. Ex.: Disparou o tiro visando o alvo.

- no sentido de dar visto: usa-se sem preposição. Ex.: Visaram os documentos.

- no sentido de ter em vista, objetivar: é regido pela preposição **a**. Ex.: Viso **a** uma situação melhor.

Querer

- no sentido de desejar: usa-se sem preposição. Ex.: Quero viajar hoje.

- no sentido de estimar, ter afeto: usa-se com a preposição **a**. Ex.: Quero muito **aos** meus amigos.

Pagar/ perdoar

- se tem por complemento palavra que denote coisa: não exigem preposição. Ex.: Ela pagou a conta do restaurante./ Não é fácil perdoar ofensas.

- se tem por complemento palavra que denote pessoa: são regidos por preposição. Ex.: A empresa não tem prazo para pagar aos fornecedores./ Perdoou a todos.

Informar

- significa "avisar, comunicar, prevenir" e admite duas construções:

- Informaram o juiz da (ou sobre a) invasão.

- Informaram a invasão ao juiz.